

## Língua Portuguesa e expressão Moçambicana

### Cena I

É expressamente obrigatório falar a língua oficial.  
(Tribunal de Menores, Maputo)

A Língua Portuguesa, em Moçambique, na era pós-colonial, teve o seu destino traçado na convergência de dois factores fundamentais: em primeiro lugar, o factor político determinou que, nas condições em que o Estado surgiu, era imperioso estabelecer algumas coordenadas que permitissem a preservação das fronteiras herdadas do estado colonial, elemento fundamental para a construção da nação ainda por existir. O Movimento de Libertação (Frelimo), ao tomar conta do poder, trazia consigo um modelo de nação para Moçambique com base na sua ideologia revolucionária. Deste modo, a par de muitos outros instrumentos para pôr em prática o processo de unidade nacional, ou seja, interiorização da consciência de se ser moçambicano acima da consciência étnica, a língua portuguesa foi incontestavelmente tida como dos mais valiosos e operativos. Assim, o poder do Estado impôs esta língua como obrigatória nos seus sectores mais actantes. No sector da Educação: na alfabetização, na educação pré-escolar, no ensino primário e em todo o resto do sistema educativo. Só podia utilizar-se o português como veículo de transmissão do conhecimento e de comunicação. Na Informação: os meios mais poderosos de rádio, bem como toda a imprensa escrita e a televisão tinham a língua portuguesa como exclusivo meio de expressão. No sistema judicial e jurídico: os Tribunais e as Leis só conheciam a língua portuguesa como seu instrumento de trabalho e de expressão. Deste modo, é óbvio que o regime revolucionário criou forte pressão sobre as

---

Lourenço Joaquim da Costa Rosário é Professor Auxiliar na Universidade Nova de Lisboa. Doutorou-se em Letras, na Universidade de Coimbra, em 1987, com uma tese intitulada *Narrativa Africana de Expressão Oral*.

várias camadas populacionais, no sentido da tomada de consciência de que a língua portuguesa era o único veículo de comunicação plausível nas suas relações com as instituições do Estado. Samora Machel, numa entrevista ao semanário português *Expresso*, chegou a orgulhar-se pelo facto de os moçambicanos se esforçarem por falar o português correcto e procurarem conservar a língua portuguesa no seu estado mais próximo da norma portuguesa, porque só assim seria possível atingir os objectivos traçados com a sua adopção no processo da unidade nacional.

Graça Machel, então Ministra da Educação, foi peremptória, respondendo a uma docente brasileira sobre a noção do erro no I Congresso sobre o Ensino do Português em Moçambique, ao afirmar que enquanto Moçambique não tivesse linguistas e gramáticos capazes de produzirem a descrição coerente do Português falado em Moçambique, e que a mesma significasse a existência de um sistema, a norma a seguir, nas escolas, seria a de Portugal. Albino Magaia, então Director da Revista *Tempo*, semanário de opinião, na época reflectindo as posições oficiais, teceu várias considerações sobre o desfasamento que existia entre o português falado pelo povo, mais «arredondado», e o português de «casaco e gravata» utilizado pelos jovens profissionais da imprensa escrita. A CAMPANHA DA ALFABETIZAÇÃO foi lançada, contra todas as recomendações de pedagogos que defendiam o uso de línguas africanas, tendo como primeiro objectivo pôr a falar português as várias camadas populacionais e não a aprender a escrita prioritariamente. Assim, os objectivos políticos precediam os pedagógicos.

## Cena II

Se o camarada é moçambicano, por que não fala comigo em português?

(Diálogo entre um militar e um condutor na vila da Namaacha)

Era natural que a pressão política tivesse efeitos sociais. Entre muitas conclusões do censo realizado em 1980, viu-se que diversos cidadãos declararam que sabiam português só pelo facto de isso aparecer como prestigiante perante os entrevistadores, apesar de, em alguns casos, tais auto-apregoados falantes do português tivessem necessitado de intérpretes para se fazer entender.

Todos os opositores do uso da língua portuguesa em Moçambique, por exemplo, foram apodados de reaccionários e contra o processo de unidade nacional. Eram, muitas vezes, relacionados, com todos aqueles que, ao longo da

história nacionalista, de uma forma ou de outra, foram considerados traidores. Deste modo, se infere que pugnar pelo afastamento do português do papel de única língua oficial era equivalente a uma conspiração contra a segurança do Estado.

O debate sobre o assunto tem regularmente surgido em Moçambique desde o início da luta armada de libertação nacional, sendo inequívoca a posição oficial da Frelimo: o Português é língua oficial e instrumento de unidade nacional. Em consequência desta conjuntura sócio-política, a expansão da língua portuguesa foi natural e pode dizer-se mesmo que aquilo que os portugueses não puderam fazer ao longo de todo o período de colonialismo, fê-lo a Frelimo numa década.

O estado revolucionário moldou a mentalidade dos principais agentes da vida pública moçambicana de tal forma que, em termos de política linguística, ainda hoje existem grandes dificuldades para legitimar a mensagem daqueles que consideram ser fundamental, para a unidade do país, promover as línguas africanas faladas em Moçambique, franqueando-lhes as portas das instituições, nomeadamente na informação e na educação.

### Cena III

Gostei muito de ouvir as músicas do grupo RM, mas o povo reclama quando eles vêm cantar aqui em Nampula, porque não cantam em Português e as pessoas não entendem o que Alexandre Langa diz.

(Um leitor da Revista *Tempo*, 1980)

Na primeira metade da década de 80, Bento Sitei, escritor e professor universitário, publicou dois romances em língua Tsonga, língua africana falada no sul de Moçambique. Este facto legítimo e aparentemente pacífico, se tivermos em conta a situação multilingue do País, provocou, contudo, uma controvérsia que se prolongou por vários meses e se estendeu até aos órgãos de comunicação social de outros países de língua portuguesa, nomeadamente Angola, que seguiram com muito interesse e expectativa o desenrolar da polémica e dos debates.

A literatura escrita em Moçambique, antes e depois da independência, tem aparecido ao público em língua portuguesa. Deste modo, as instituições do Estado pressupõem a legitimação do português como veículo de expressão da literatura moçambicana. No entanto, o acto aparentemente isolado de Bento Sitei veio levantar uma questão pertinente: as línguas africanas faladas em Moçambique, até aqui apenas utilizadas na expressão dos valores tradicionais e orais, podem ou não veicular também a expressão literária escrita? Por outro lado, antes

mesmo da entrada da escrita portuguesa, largas camadas da população usavam já a escrita árabe, principalmente em zonas islamizadas. Este facto pode ou não levar-nos a pensar que era natural que o domínio dessa escrita tivesse permitido também o surgimento de textos poéticos e fictivos que foram votados à marginalidade, quer pelo estado colonial, quer posteriormente, pelo estado revolucionário? Até que ponto não seria legítimo repensar todo o conjunto de conceitos produzidos à volta da questão, como nacionalidade literária, moçambicanidade e outros?

O facto de os dois romances de Bento Sitori terem tido uma tiragem acima da média das obras produzidas em língua portuguesa, e mesmo assim terem esgotado em pouco tempo, não serviu de grande coisa, pois vozes institucionalmente mais poderosas fizeram vingar a ideia de que tais romances não eram destinados a todos os moçambicanos, mas tão somente aos falantes do Tsonga. Volta-se deste modo à questão que gira em torno do papel das línguas europeias de colonização na política e na cultura dos países africanos. Se as relações entre Língua e Cultura tendem a ser intrínsecas e se, por outro lado, a questão da cultura ou das culturas do povo que habita o território moçambicano não pode ignorar a sua natureza bantu e africana, ficam por determinar os contornos por que deve passar a abordagem do papel da língua portuguesa na formação sócio-cultural da nação moçambicana.

A questão literária não é mais que um exemplo dos problemas que surgem em redor do processo de sedimentação dos valores produzidos por uma reorganização estrutural dos grupos sociais, como consequência directa do colonialismo europeu em África.

#### Cena IV

Isso não é português! Isso é pretuguês.

(Albino Magaia, Revista *Tempo*)

A ideia de uma comunidade de 200 milhões de falantes da língua portuguesa não passa neste momento de um verdadeiro mito, adicionado a outros tais como «profundo conhecimento de África e das suas gentes»; «grande capacidade de integração e convivência com os povos»; «brandos costumes»; «vocaçãoluso-tropicalista», que no fundo ajudam a perpetuar o mito mais profundo do imaginário português que é o mito do império.

O problema da língua portuguesa, em África, não fica resolvido só porque se fazem afirmações desta natureza. Toda a gente sabe que, à excepção do Brasil

e de Portugal, onde a língua se encontra estabilizada, em África, a situação do português é muito complexa. Se, por um lado, os regimes políticos adoptaram esta língua herdada do colonialismo como língua oficial do Estado, por outro lado, toda a gente sabe que uma larga percentagem da população destes países não fala, nem sabe falar esta mesma língua. Mas a fingir, vamos repetindo nos escritos e nos colóquios que esses milhões todos falam o português. Talvez interesse à política tal fingimento, mas que os académicos se tornem câmara de ressonância é que não faz sentido, na medida em que cabe à academia a produção do saber objectivo sobre estas matérias.

Em primeiro lugar, a diferença entre os falantes e não falantes do português nestes países é considerável e exige uma particular atenção não só aos próprios Estados, mas também a toda a comunidade de Língua Portuguesa. Em segundo lugar, a relação entre a língua portuguesa oficial e a língua portuguesa «da rua» deve merecer também uma particular atenção porque ela é de natureza completamente diversa daquela que existe em Portugal e no Brasil. Os linguistas, nas suas teorias, têm afirmado, e bem, que quem faz evoluir as línguas são os seus falantes e não as instituições do Estado. Em África, a distância que existe entre a fala portuguesa e a língua portuguesa oficial vai aumentando, e contudo, parece não ser motivo de grandes atenções. O Estado continua a fingir que a língua que as gentes falam não está muito longe daquela que este (o Estado) apresenta nas suas leis, na sua imprensa e, principalmente, institui como objecto de aprendizagem nas suas escolas. Deste modo, o português escrito oficial e o português falado vão ficando cada vez mais desfasados. Neste contexto, justiça seja feita à literatura produzida nestes países que tem procurado estabelecer uma ponte possível.

O surgimento de um português culturalmente africano, ou de uma língua portuguesa africanizada, é um facto evidente, imparável e muito saudável. Aos Estados compete assumir esta realidade com pragmatismo, começando pelas suas próprias instituições, nomeadamente no ensino do Português em África. Assim, aquilo que a literatura não pode fazer, podem-no os linguistas, os gramáticos, os metodólogos, os professores de língua, procurando encontrar uma forma mais adequada de determinar a natureza dos elementos centrifugadores em relação à norma e a partir daí tentar estabelecer quais os canais de intercomunicação que regulem os movimentos de interferência entre as línguas africanas e a língua portuguesa. Do meu ponto de vista, manter as línguas africanas afastadas deste processo é contraproducente, se tivermos em conta a importância que estas têm para a cultura das populações. A questão deve ser encarada até níveis mais profundos do *ethos* cultural dos povos. O Português não é ainda a língua de cultura, mas para lá caminha, por isso, neste momento, os elementos centrifugadores situam-se ainda a nível lexical, estrutural e semântico, porque os planos histórico, etnográfico e antropológico são, predominantemen-

te, de expressão bantu e africana e marcam a clivagem existente entre a cidade, centro do poder, e o campo, país profundo. Deste modo, é importante a contribuição de áreas do saber que permitam o estudo das linguagens enquanto sistemas de significação para o processo da integração do Português como língua africana, no sentido cultural. Por outro lado, a literatura africana escrita em português deve ser tomada, neste momento, como ponto de referência essencial sobre o estatuto da língua portuguesa nesse processo de integração. Dado o seu carácter de ser um discurso de fingimento, a representação que a literatura faz da realidade, mesmo criando a ilusão de ser essa realidade, não deve contudo confundir-se com ela. É estranha e digna de apreensão a leveza com que em Portugal, até em círculos com certo grau de responsabilidade, se tomam os textos literários como fonte segura para a verificação do estado da língua portuguesa nestas paragens. Se o português do Brasil, sem perder a capacidade de intercomunicação com o português de Portugal consegue ser muito brasileiro e tropical, por que razão o português de África (de cada país africano) não pode, sem perder esta mesma intercomunicação, apresentar-se, tropicalmente vestido de tambores, marcando o seu próprio ritmo?

A Escola, enquanto instituição reguladora da norma, tem um papel a desempenhar. O mundo que produz o saber deve procurar encarar a realidade do português com o pragmatismo que ela exige, de modo que saber falar bem, escrever correctamente, pronunciar adequadamente, não signifique, necessariamente, uma submissão em relação a um centro imperial qualquer, cultural ou administrativo. E a literatura africana deixará de ser encarada como um conjunto de textos pitorescos onde se dá voz ao **Pretuguês**, assim o exigem a dignidade de escritores como José Craveirinha, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Mia Couto, Pepetela, Noémia de Sousa, Viriato da Cruz, Uanhenga Xitu e muitos outros que vieram enriquecer não só a língua portuguesa como a própria literatura em língua portuguesa.

### Cena final

Diálogo entre o português das cartas de leitores do jornal *A Voz Africana* (reunidas por José Capela na colectânea *Moçambique pelo seu Povo*, Porto, Afrontamento, 1979) com o português do escritor Mia Couto (em *Vozes Anotadas*, Lisboa, Caminho, 1990 e *Cada Homem é uma Raça*, Lisboa, Caminho, 1991) ao lado do português de alunos estrangeiros em Portugal e alunos portugueses em Portugal (Levantamento dos principais desvios à norma, feito por Isaura Oliveira, aluna do Mestrado em Literatura e Cultura dos PALOP's da UNL).

## QUADRO I — Ausência de preposições

QUADRO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS «INCORRECÇÕES» EM PORTUGUÊS			
CARTAS	MIA COUTO	ALUNOS ESTRANGEIROS	ALUNOS PORTUGUESES
1. - «... antes de entrar escola tive uma mulher ...»; [na]	1. - «Estou a pensar. - É o quê, marido?»; [no (em + o) quê]	1. - «mas o barco começou afundar-se e um rapaz nadou para [a] ilha» (Sven); [começar a]	1. - «Começou a gostar o pobre passarinho» (aluno 6.º ano) [gostar de]
2. - «passo-lhe responder o mesmo»; [passar a]	2. - «anda ajudar o teu tio juntar os animais»; [ajudar a]	2. - «Os passageiros viram um homem saltar na sua ilha» (Birgitta); [ver a]	2. - «Divertime muito especialmente quando ia praia» (aluno 7.º ano); [ir para]
3. - «Era no momento que eu ganhava pouco menos do que ele»; [em que]	3. - «Não tenho onde, avó»; [Para onde]	3. - «Então um dia entrou o armazém» (Chris); [entrar em + o = no]	3. - «... e agora fico sonhar com as que virão» (aluna 7.º ano); [ficar a]
4. - «... de eu ter bebido junto a mãe dele»; [com]	4. - «posso continuar ajudar nos bois»; [continuar a]	4. - «... e as pessoas que passavam começou dar-lhe dinheiro outra vez» (Sven); [começar a]	4. «Mas mesmo assim gostaria de ser enfermeira além de todos esses inconvenientes» (aluna 7.º ano); [para]
5. - «... e no Luabo onde saiu ...»; [de]	5. - «Enquanto pensava as suas dores»; [pensar em]	5. - «Gosto muito da cidade [Lisboa], há muitas coisas fazer e ver» (Chris); [Para]	5. - «Pesquei muito mas que eu mais gostava era pescar os peixes» (aluno 7.º ano); [gostar de]
6. - «que saiu na sua terra com um grande destino ir Nampula»; [para]	6. - «Prepara a azagaia momento que vê a gazela (...) o pescador credita uma coisa que não vê.»; [preparar em; acreditar em]	6. - «Moro Nooskanshann, é uma cidade fica sudeste litoral» (Sven); [morar em; ficar em]	6. - «Eu gosto no Outono ver as folhas cair» (aluna 7.º ano); [gostar de; ver a]
7. - «até hoje estou chorar por causa do meu dinheiro»; [estar a + infinitivo]	7. - «Sua pássaro, vai onde vieste»; [ir para]	7. - «Então começou saltar e mergulhar» (Gabrielle); [começar a]	7. - «Eu gostava voar» (aluno 7.º ano); [gostar de]
8. - «escrever um bilheteinho para uma dessas meninas pedir-a namoro»; [pedir em]	8. - «Já disse toda hora» (p. 69); [dizer a]	8. «Minha mãe saiu de casa aprender ser a enfermeira» (Don); [para; aprender a]	8. - «... para mostrar a mentira que Jacinto vivia» (aluno 9.º ano); [em que]
9. - «Mas quando acabou ler muito bem»; [acabar de]	9. - «Estou a falar sério, meus amigos»; [falar a]	9. - «Em 1981 comecei trabalhar o mecânico. Trabalhei e estudei até Setembro 1985 quando comecei trabalhar a quinta» (Don); [começar a; trabalhar em]	
10. - «eu penso como há-de ser uma mulher de 30 anos de idade vir casar com rapaz de 18 a 20 anos de idade»; [vir a]	10. - «Me ajude sair de chão»; [ajudar a]	10. - «... mas eu não gostava estudar» (Giuseppe); [gostar de]	
11. - «a causa de eu recusar servir o banquete dele»; [servir em]	11. - «Devido, talvez o cansaço do tempo que não vinha»; [devido a]	11. - «Volto para casa cerca as quatro horas» (Marcus); [cerca de]	
12. - «primeiro é andar pedir informações»; [andar a]	12. - «Aquele noite que ele me veio procurar foi onde iniciaram desgraças.»; [em que]	12. - «Se eu visse um barco, eu trepava a palmeira» (Marcus); [trepavar a + a = à]	
13. - «razão que eu lhes escrevo esta carta»; [por que]	13. - «Foi porque assisti minha morte»; [Assistir a]		
	14. - «Daquela vez que lhe entornei água foi na mulher ou no pássaro?»; [em que]		
	15. - «Uma coisa eu tenho máxima certeza»; [ter a]		
	16. - «Já não preciso defesa, doutor»; [precisar de]		

## QUADRO II — Troca de preposições

<b>QUADRO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS «INCORRECCÇÕES» EM PORTUGUÊS</b>		
<b>CARTAS</b>	<b>MIA COUTO</b>	<b>ALUNOS ESTRANGEIROS</b>
<p>1. – «Nesse dia à tarde o homenzinho Roberto foi na paragem»; [ir em em vez de ir a]</p> <p>2. – «... no entanto o primo Roberto aproveitou a oportunidade de ir na paragem esperá-las»; [ir em em vez de ir a]</p> <p>3. – «Já estou desistido com a tal moça; [desistir com em vez de desistir de]</p> <p>4. – «acabou-se de amisade comigo»; [acabar de em vez de acabar a]</p> <p>5. – «... não penso de nada, só pensa de roubar»; [pensar de em vez de pensar em]</p> <p>6. – «E quando mandei os meus pedidos na casa dos pais»; [mandar em em vez de mandar a]</p>	<p>1. – «... os filhos dos outros tinham direito da escola»; [direito de em vez de direito a]</p> <p>2. – «Ainda pisar na mina ...»; [pisar em em vez de pisar a]</p> <p>3. – «Volta em casa, avó!»; [voltar em em vez de voltar para]</p> <p>4. – «Maldito pássaro, volta na tua vida»; [voltar em em vez de voltar para]</p> <p>5. – «... podes deixar a poeira encostada no chão»; [encostada em em vez de encostada a]</p> <p>6. – «Acomodava-se com cuidado de não manchar as calças na corrente»; [cuidado de em vez de cuidado para]</p> <p>7. – «Tio, próximo ano posso ir na escola?»; [ir em em vez de ir a]</p>	<p>1. – «... subo à paragem dos Pupilos do Exército e desço à Avenida A. Aguiar» (Guiseppe); [subir a em vez de subir para; descer a em vez de descer em]</p> <p>2. – «Às 19 horas vou na igreja para participar à missa» (Guiseppe); [ir em em vez de ir a; articipar a em vez de participar em]</p> <p>3. – «Se eu tivesse uma avaria ia no relojoeiro. (...) Se eu estivesse cansado, ia no oficina» (Marcus); [ir em em vez de ir a]</p> <p>4. – «Se me apetecesse viajar ia na lua» (Marcus); [ir em em vez de ir a]</p> <p>5. – «... e como porcos não interessam-se do lixo ...» (Ursula); [interessar-se de em vez de interessar-se com]</p>

### QUADRO III — Excesso de preposições

QUADRO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS «INCORRECÇÕES» EM PORTUGUÊS			
CARTAS	MIA COUTO	ALUNOS ESTRANGEIROS	ALUNOS PORTUGUESES
1. - «Lamento de meu amigo F. Costa Condutor»; [ <b>lamentar-se</b> + ∅]	1. - «Calculou a dentro do seu saco»; <b>calcular</b> + ∅]	1. - «Vamos a trabalhar ...» (Ursula); [ <b>ir</b> + <b>infinitivo</b> = <b>ideia de futuro</b> ]	1. - «Ele chama-se de crocodilo» (aluno 6.º ano) [ <b>chamar-se</b> + ∅]
2. - «Pensei de ir ter com o Professor Luciano»; [ <b>pensar</b> + ∅]	2. - «Sacudi-lhe nos ombros»; [ <b>sacudir</b> + ∅]		2. - «O crocodilo fingia-se de mau» (aluno 6.º ano); [ <b>fingir-se</b> + ∅]
3. - «Nipa que ele diz de que estou a beber»; [ <b>dizer que</b> ]	3. - «O senhor me há-de chamar de burro»; <b>chamar</b> + ∅]		3. - «gozava das coisas belas da vida» (aluna 9.º ano); [ <b>gozar</b> + <b>substantivo</b> ]
4. - «... aldrabasta ao governo ...»; [ <b>aldrabar</b> + ∅]	4. - «Porquês os baloii não tentam de ser plantas verde-sossegadas?»; [ <b>tentar</b> + ∅]		4. - «... esquecer do tempo ...» (aluna 9.º ano); <b>esquecer</b> + ∅]
5. - «... mas eu sei de que descobrirão tarde»; [ <b>saber que</b> ]	5. - «É por isso que estão falar muita coisa sobre de você»; [ <b>sobre</b> + ∅]		5. - «... eu contei-lhe das minhas aventuras» (aluno 9.º ano); [ <b>contar</b> + ∅]
6. - «... só fica com eles durante do um mês ...»; [ <b>durante</b> + ∅]			6. - «... e eles deviam de pensar que eu era francesa ...» (aluna 9.º ano); <b>dever</b> + ∅]
7. - «... desde do pequenino nunca vi meninas como estas»; [ <b>desde</b> + ∅]			7. - «... essas máquinas que só iriam a complicar-lhes ...» (aluna 9.º ano); <b>ir</b> + <b>infinitivo</b> = <b>ideia de futuro</b> ]

**QUADRO IV — Erro na colocação dos pronomes  
(Directo, Indirecto, Reflexo)**

QUADRO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS «INCORRECÇÕES» EM PORTUGUÊS			
CARTAS	MIA COUTO	ALUNOS ESTRANGEIROS	ALUNOS PORTUGUESES
<p>1. – «Uma vez o meu primo que se chama Roberto José Ussenes (...) para escrever um bilhete para uma dessas meninas pedir a namorada»; [para ... a pedir]</p> <p>2. – «Como a menina amava-o ...»; [como ... o amava]</p> <p>3. – «Eu quando vi-a gostei ...»; [quando a vi]</p> <p>4. – «... deu-me uma resposta afirmativa, deixando-me a levar, mas sim compensava-a num estado indisponível»; [levá-la]</p> <p>5. – «gosto de lidar com muitos amigos, não passava-lhe cartão»; [não lhe passava]</p> <p>6. – «Bebo para depois ele chamar-me padrasto»; [para ... me chamar]</p>	<p>1. – «Não riam-se»; [não se riam]</p> <p>2. – «Evaristo, me deixa em paz»; [deixa-me]</p> <p>3. – «Nas alturas se veste de chamuscas»; [veste-se]</p> <p>4. – «Não vou-te bater, juro»; [não te vou]</p> <p>5. – «Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboques e até partir-se dos bocados»; [até se partir]</p> <p>6. – «como o pai verdadeiro que morreu-me» [que me morreu]</p> <p>7. – «Pela primeira vez se uniram as crenças suplicando que não chovesse»; [uniram-se]</p> <p>8. – «Mas não riam-se tão alto»; [não se riam]</p> <p>9. – «Depois ela me chamou»; [ela chamou-me]</p>	<p>1. – «A minha senhora se chama» (Dreidrid); [chama-se]</p> <p>2. – «e também os marinheiros viram-no» (Birgitta); [também ... o viram]</p> <p>3. – Trabalho normalmente na Assistência Dentária Pública numa cidade que chama-se Malmio» (Chris); [que se chama]</p> <p>4. – «Não nota-se que sou tão velha» (Gabrielle); [não ... se nota]</p> <p>5. – «mas quando alguém na vizinhança me tourna as costas sem perguntar-me» (Birgitta); [sem me perguntar]</p> <p>6. – «e o amigo dele que costumava dar-lhe comida (Sven); [que lhe costumava dar]</p> <p>7. – «porque Max com os seus mergulhos acordava-o. Ele gritou para Max que teve acalmar-se» (Sven); [porque ... o acordava; que teve [que] se acalmar]</p>	<p>1. – «O crocodilo não queria ir com os filhos e com os netos porque sentia-se bem» (aluno 6.º ano); [porque se sentia]</p> <p>2. – «Me lembro as férias quando estava a trabalhar» (aluno 7.º ano); [lembro-me]</p> <p>3. – «e não servirem-se» (aluno 9.º ano); [não se servirem]</p> <p>4. – «as pessoas se conhecem» (aluno 9.º ano); [conhecem-se]</p> <p>5. – «Na cidade apenas bocejava, dormia, se penteava» (aluno 9.º ano); [penteava-se]</p> <p>6. – «Ainda podemos o vir a ler» (aluno 9.º ano) [ainda o podemos]</p>

**QUADRO V - Troca do Pronome de Complemento Indirecto  
pelo Pronome de C. Directo e vice-versa**

QUADRO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS «INCORRECÇÕES» EM PORTUGUÊS			
CARTAS	MIA COUTO	ALUNOS ESTRANGEIROS	ALUNOS PORTUGUESES
1. - «Este homem conheço-lhe toda a vida dele»; [conheço-o]	1. - «Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie»; [nem que eu o chamboqueie]	1. - «Era um pescador especial porque um prato de ouro acompanhava-lhe sempre sobre a cabeça» (Birgitta); [o acompanhava]	1. - «Uma coisa que lhe iria fazer mudar completamente de vida» (aluna 9.º ano); [o iria]
2. - «cheguei de lhe ultrapassar o vencimento que ele ganhava»; [ultrapassá-lo]	2. - «A fome da maneira que está pstar, você não quer-lhe matar?»; [não o quer matar]	2. - «Eu dei medidas de pés e pernas de minha mulher para o sapateiro a fazer botas para montar a cavalo» (John); [para ... lhe fazer botas]	2. - «O narrador chama-lhe de por saber de todas as intenções e ... já lhe caracterizavam como um velho» (aluna 9.º ano); [já o caracterizavam]
3. - «Como já lhe conheço desde muito tempo»; [já o conheço]	3. - «Nada. Só está dormitoso. Posso-lhe ir buscar?»; [Posso ir buscá-lo]		3. - «O velho decidiu ajudar Tam porque ele era muito corajoso ... e os deuses comoveram e resolveram ajudar-lhe» (aluno 7.º ano); [ajudá-lo]
4. - «E fez-lha ficar defenitivamente nem pensou mais de se casar»; [fê-la]	4. - «Era um pássaro. Soltei-lhe quando vi que ela não tinha voz»; [soltei-o]		4. - «a fim de lhe convidar» (aluna 9.º ano); [de a convidar]
5. - «E perguntou-me qual é a necessidade que levou-lhe a chegar aqui em minha casa?»; [o levou]	5. - «os moribundos tudo são permitidos. Ninguém goze-lhes»; [ninguém os goze]		5. - «Venho por este meio convidar-lhe para vir passar o Natal comigo» (aluna 9.º ano); [convidá-la]
6. - «o dono mal que o contei do rapto ficou energeticamente enfurecido»; [mal lhe contei]	6. - «se lhe amei»; [se a amei]		
	7. - «Era surpreender-lhe com um sofrimento»; [surpreendê-la]		

## QUADRO VI

	CARTAS	MIA COUTO
<p>NEOLOGISMOS A PARTIR DO PORTUGUÊS</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- «desqueceu»;</li> <li>- «deseguentaram»;</li> <li>- «o meu pai amanheceu»;</li> <li>- «desautorizaram»;</li> <li>- «eu pacientava»;</li> <li>- «dezimportou»;</li> <li>- «primeiramente»;</li> <li>- «despercebo»;</li> <li>- «quinhenta»;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- «covar»;</li> <li>- «barulhar»;</li> <li>- «doer-se»;</li> <li>- «esquerdar, direitar»;</li> <li>- «bichando»;</li> <li>- «comicharem-lhe»;</li> <li>- «desconseguir»;</li> <li>- «desouvir»;</li> <li>- «desvoar»;</li> <li>- «varandear»;</li> <li>- «desalumiar»;</li> <li>- «desajudar-se»;</li> <li>- «desinstruídos»;</li> <li>- «bicicletar»;</li> <li>- «desarasca»;</li> <li>- «animalar»;</li> <li>- «elastocar»;</li> <li>- «descompletos»;</li> <li>- «desplantar»;</li> <li>- «cadaqualmente»;</li> <li>- «estória»;</li> <li>- «jiboiar»;</li> <li>- «timbilar»;</li> <li>- «devagarmente»;</li> <li>- «peixar»;</li> <li>- «aguar»;</li> <li>- «desimportar»;</li> <li>- «alguéns»;</li> <li>- «rapidar»;</li> <li>- «trançar»;</li> <li>- «luzar»;</li> <li>- «quandos»;</li> <li>- «lagrimar»;</li> <li>- «noitar»;</li> <li>- «bonitar-se»;</li> <li>- «depressar-se»;</li> </ul>
<p>NEOLOGISMOS A PARTIR DE EMPRÉSTIMOS AFRICANOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- «Nipa»;</li> <li>- «matocosso»</li> <li>- «mandioca»</li> <li>- «lobolar»;</li> <li>- «machimbombo»;</li> <li>- «lobolo»;</li> <li>- «moleque»;</li> <li>- «quissambas»;</li> <li>- «musope»;</li> <li>- «capulana»;</li> <li>- «magaissa»;</li> <li>- «chibante»;</li> <li>- «milandos»;</li> <li>- «cabaçoadas»;</li> <li>- «muzungas»;</li> <li>- «cakhomeiro»;</li> <li>- «cakhoma»;</li> <li>- «mangas»;</li> <li>- «papaias»;</li> <li>- «maçanicas»;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- «ndlanti»;</li> <li>- «machamba»;</li> <li>- «xipefo»;</li> <li>- «noii»;</li> <li>- «baloi»;</li> <li>- «chicuembo»;</li> <li>- «machimbombo»;</li> <li>- «xicuembo»;</li> <li>- «tchovar»;</li> <li>- «saguate».</li> </ul>